

UM CONTO SOBRE ESCOLHAS, VÍCIO E RECOMEÇO

QUANDO O JOGO DEIXA DE SER JOGO



Felipe Gallesco

EVOC

Quando o jogo deixa de ser jogo

Felipe Cicotti Gallesco

Data da publicação: 30/06/2026

EVOC – Editora Virtual O Consolador
Londrina, Paraná
www.oconsolador.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação

Gallesco, Felipe Cicotti

Quando o jogo deixa de ser jogo / Felipe Cicotti Gallesco;
revisão: Thiago Bernardes; capa: do próprio autor; imagens:
Adobe Firefly. – Londrina, PR: EVOC, 2026.
24 p.: il.

Na capa: Um conto sobre escolhas, vício e recomeço.

1. Literatura brasileira - Contos. 2. Espiritismo. 3.

Comportamento compulsivo. 4. Vícios. I. Bernardes, Thiago. II.
Título.

CDD: B869.3

Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

SUMÁRIO

Introdução.....	1
A aposta que parecia inofensiva.....	3
Quando o problema deixa de ser só seu.....	7
A noite da prece.....	10
O caminho da reconstrução.....	13
Transformar a queda em caminho.....	16
Sobre o autor.....	19



Introdução



Nos últimos anos, o cenário das apostas esportivas passou por uma transformação significativa. Com a legalização e regulamentação das chamadas “bets”, no Brasil, abriu-se um mercado bilionário que rapidamente se expandiu, ocupando espaços antes inexistentes na vida cotidiana. O que antes era restrito a ambientes específicos tornou-se acessível a qualquer pessoa com um celular na mão.

Paralelamente, a publicidade desse setor ganhou força e sofisticação. Campanhas atrativas, promessas de ganhos fáceis e a presença constante em redes sociais e eventos esportivos passaram a dialogar diretamente com o público jovem. Influenciadores, celebridades e até clubes esportivos se tornaram vitrines dessa nova realidade, contribuindo para naturalizar a prática e aproximá-la de uma ideia de entretenimento inofensivo.

No entanto, por trás desse crescimento acelerado, surge uma preocupação cada vez mais evidente: o aumento no número de pessoas que desenvolvem comportamentos compulsivos relacionados às apostas. A facilidade de acesso, aliada à falsa sensação de controle e às recompensas imediatas, tem levado muitos jovens a um ciclo de perdas financeiras, ansiedade e dependência.

Este livro se propõe a lançar luz sobre essa realidade. Ao explorar os mecanismos que sustentam o vício em apostas e os impactos sociais e emocionais envolvidos, busca-se promover reflexão e conscientização. Em um momento em que o jogo é apresentado como oportunidade, torna-se essencial compreender também os riscos que se escondem por trás dessa promessa.

A aposta que parecia inofensiva



Lucas tinha 22 anos e carregava no peito uma paixão antiga: o futebol. Desde menino, vestia a camisa do time mesmo nos dias mais quentes, sabia de cor a escalação dos últimos dez anos e discutia resultados como se estivesse na sala de imprensa.

Trabalhava em uma loja de materiais esportivos no centro da cidade. O salário era simples, mas suficiente para ajudar em casa e guardar um pouco para os sonhos: trocar de celular, fazer um curso, viajar com os amigos.

Foi num fim de tarde, durante o intervalo, que tudo começou.

O barulho do trânsito entrava pela porta aberta da loja quando Rafa, colega de trabalho, mostrou o celular animado.

— *"Olha isso aqui, cara. Apostei vinte ontem e já virei sessenta aqui no aplicativo da Bet."*

Lucas riu, desconfiado.

— *"Isso é coisa para quem gosta de arriscar. Eu sou mais pé no chão."*

— *"Nada disso. Você entende de futebol como ninguém. Aqui não é sorte, é estratégia."*

A palavra ficou ecoando na cabeça dele: estratégia.

Naquela noite, em casa, enquanto a mãe assistia à novela e o pai folheava o jornal, Lucas criou uma conta "só para testar". Depositou pouco, quase como quem não quer nada.

Escolheu justamente o jogo do seu time.

Quando o apito final confirmou o resultado, o celular vibrou com a notificação: ganho confirmado.

Ele sorriu sozinho.

— *"Eu sabia..."* — murmurou.

Nos dias seguintes, apostou de novo. E ganhou outra vez. Depois mais uma.

Não eram grandes valores, mas a sensação era enorme: controle, inteligência, autonomia. Pela primeira vez, parecia que o dinheiro vinha fácil.

No trabalho, começou a comentar com os colegas.

— *"Não é jogo, é leitura de jogo."*

— *"Você devia tentar também."*

Em casa, porém, pequenas mudanças começaram a surgir.

Lucas passou a ficar mais tempo no quarto, com a luz acesa até tarde. O celular nunca saía da mão. Durante o jantar, respondia mensagens enquanto a comida esfriava no prato.

A mãe percebeu.

— *"Você anda tão distante, filho..."*

— *"É só cansaço, mãe. Trabalho demais."*

Mas não era só isso.

Ele começou a pensar em apostas antes mesmo de pensar nas contas do mês. Quando recebia o salário, a primeira ideia já não era ajudar em casa — era "investir" em mais jogos.

Aos poucos, sem perceber, a diversão foi ganhando espaço onde antes existiam prioridades.

Lucas ainda se dizia no controle.

Ainda achava que pararia quando quisesse.

Ainda acreditava que aquilo era apenas um passatempo lucrativo.

Mal sabia ele que a linha que separa o jogador frequente do viciado não costuma ter aviso, nem placa de retorno.

Ela simplesmente se cruza.

E, quando se percebe... já ficou para trás.

**Quando o problema
deixa de ser só seu**



O que antes era só empolgação começou a se transformar em urgência.

Lucas já não apostava apenas nos fins de semana. Apostava no café da manhã, no intervalo do trabalho, antes de dormir. O celular vibrava no bolso como um chamado constante.

Na loja, enquanto atendia clientes, escondia o aparelho atrás do balcão.

— *"Só mais uma entrada ao vivo..."* — sussurrava.

As primeiras derrotas vieram. Depois as tentativas desesperadas de recuperar o prejuízo.

Em casa, o clima mudou.

A mãe passou a notar a gaveta onde guardavam dinheiro para as contas sempre vazia.

— *"Lucas, você viu o dinheiro da luz?"*

— *"Ah... acho que o pai pegou."*

O pai negava.

O silêncio se instalava.

Aos poucos, vieram as mentiras pequenas, depois as maiores.

Disse que precisava de dinheiro para consertar o celular. Era aposta.

Disse que devia para um amigo. Era aposta.

Disse que tinha sido roubado. Era aposta.

Uma noite, o pai chamou-o para conversar na varanda.

— *"Filho, a gente não tá te reconhecendo mais."*

— *"Vocês estão exagerando."*

— *"Não. A gente tá sofrendo."*

A irmã mais nova passou a evitá-lo. Os amigos se afastaram. No trabalho, o gerente chamou sua atenção.

— *"Você anda disperso. Se continuar assim, não sei se fica."*

Lucas saiu daquela conversa com raiva... mas no fundo sabia: o problema já não era só dele.

O vício havia invadido a casa, quebrado a confiança, espalhado medo e insegurança.

E mesmo assim, ele ainda dizia para si:

— *"Eu paro quando quiser."*

Mas já não conseguia parar nem quando mais precisava.

A noite da prece



A chuva caía fina naquela noite. Lucas estava sozinho no quarto, sentado na beira da cama, encarando a tela do celular.

Saldo negativo.

Cobranças.

Mensagens não respondidas.

O quarto parecia menor. O ar, pesado.

Ele passou a mão pelo rosto e respirou fundo.

— *"Como eu cheguei aqui...?"*

Pela primeira vez em meses, não abriu um aplicativo de apostas. Abriu a gaveta e tirou um livro de mensagens que a mãe guardava. Não sabia bem por quê. Folheou sem ler.

Depois, fez algo que não fazia desde criança.

Fechou os olhos e pensou primeiro em Jesus.

Depois, com a voz trêmula, falou:

— *"Deus... eu não sei nem se sei orar direito."*

Engoliu em seco.

— *"Mas eu preciso de ajuda."*

O choro veio contido no começo, depois forte.

— *"Eu machuquei minha família... perdi tudo... eu não consigo sair disso sozinho."*

— *"Se o Senhor puder me ouvir... me dá uma chance de mudar."*

Na sala, a mãe ouviu o choro e ficou parada atrás da porta. Não entrou. Mas orou.

Naquela noite, algo começou a mudar — não de forma mágica, mas real.

No dia seguinte, foi ela quem tomou coragem.

— *"Lucas... vamos conversar?"*

Sentados à mesa da cozinha, pela primeira vez sem acusações, só com verdade, ele contou tudo.

As apostas.

As dívidas.

O medo de não conseguir parar.

O pai ouviu em silêncio. A irmã chorou. A mãe segurou a mão dele.

— *"A gente não vai te soltar agora."* — disse ela. — *"Mas você também precisa querer sair disso."*

E Lucas quis.

Mesmo sem saber ainda como.

O caminho da reconstrução



A primeira ajuda veio onde ele menos esperava.

No domingo seguinte, a mãe o convidou:

— *"Vamos comigo na casa espírita?"*

— *"Eu?"*

— *"Não pra te julgar. Pra te acolher."*

O centro era simples. Cadeiras de plástico, paredes claras, um clima de paz que ele não sentia havia meses.

Depois da palestra, um trabalhador se aproximou.

— *"Se quiser, temos um grupo de jovens que estuda O Livro dos Espíritos. Pode ser um bom começo."*

Lucas aceitou sem muita convicção. Mas foi.

Na primeira reunião, sentou-se no fundo, calado. Ouviu falarem sobre livre-arbítrio, responsabilidade, lei de causa e efeito.

Não como punição.

Mas como oportunidade de crescimento.

Ao mesmo tempo, com o apoio da família, procurou ajuda profissional. Começou o acompanhamento psicológico. Aprendeu a nomear o que sentia: ansiedade, impulsividade, fuga emocional.

Não foi fácil.

Teve recaídas. Teve dias em que pensou em desistir. Teve vergonha.

Mas teve algo que nunca mais teve sozinho: companhia no processo.

A cada semana, Lucas reconstruía pequenas coisas:

A confiança do pai.

O diálogo com a mãe.

O respeito por si mesmo.

Na casa espírita, descobriu que não era fraco — era humano em aprendizado.

E que errar não o definia.

Mas insistir no erro, sim.

Transformar a queda em caminho



O tempo passou.

Meses depois, Lucas já não era o mesmo rapaz inquieto que vivia grudado no celular. Ainda lutava — porque vício não desaparece, se administra — mas agora tinha ferramentas.

Um dia, após a reunião do grupo de jovens, a dirigente comentou:

— *"Você já pensou em dar seu depoimento na próxima reunião para outros jovens?"*

— *"Eu? Pra quê?"*

— *"Porque sua história pode ajudar alguém."*

No começo, teve medo.

Mas na semana seguinte, estava lá, de pé, diante de um pequeno grupo.

Mãos suadas. Voz insegura.

— *"Meu nome é Lucas... e eu fui viciado em apostas."*

Contou tudo.

Sem romantizar.

Sem esconder a dor.

Falou da família quase perdida.

Do fundo do poço.

Da noite em que pediu ajuda a Deus.

Ao final, um rapaz se aproximou, olhos marejados.

— *"Eu tô passando por isso agora..."*

Lucas respirou fundo e respondeu, com firmeza serena:

— *"Então você não tá sozinho. E não precisa passar por isso até o fim."*

Desde então, começou a visitar outras casas espíritas, escolas, rodas de conversa. Não como herói. Mas como alguém que caiu... e aprendeu a levantar.

Ele entendeu, na prática, o que aprendera nos estudos espíritas:

Que ninguém erra para ser condenado.

Erra para aprender.

E aprende para servir.

Hoje, Lucas ainda faz uma prece todas as noites.

Não mais de desespero.

Mas de gratidão.

— *"Obrigado, Deus, por ter me ajudado quando eu já tinha desistido de mim mesmo."*

Que minha história ajude outros jovens a escolherem antes de perderem tanto."

Porque agora ele sabe:

A linha entre o jogador e o viciado é invisível.

Mas a linha entre a queda e a reconstrução começa quando alguém tem coragem de pedir ajuda.

E seguir em frente.



SOBRE O AUTOR

Felipe Gallesco é paulista e construiu sua trajetória unindo tecnologia e propósito. Atua há vários anos como engenheiro de software, desenvolvendo soluções e projetos na área de informática, ao mesmo tempo em que dedica grande parte de sua vida ao trabalho voluntário com jovens no movimento espírita.

Há mais de duas décadas, contribui ativamente para a formação e fortalecimento de grupos de mocidade em casas espíritas, participando da criação, estruturação e apoio contínuo a diversas iniciativas voltadas ao público jovem. Ao longo desse período, também esteve envolvido em ações de comunicação e organização, buscando ampliar o alcance e a relevância dessas atividades.

Entre suas atuações, destacam-se a colaboração na divulgação da Associação Assistencial Espírita Apóstolo Mateus, a coordenação da revista eletrônica *Fala MEU!* (Fala Mocidades Espíritas Unidas!), a direção do departamento de mocidade da

USE Distrital Tatuapé e a participação na criação do programa *Mutirão*, na rádio Boa Nova, com foco em Espiritismo e Direitos Humanos.

É o idealizador do projeto Juventude Espírita, plataforma que se consolidou como um espaço de aprendizado, reflexão e troca de experiências para jovens de diferentes contextos. Atualmente, dedica-se à escrita e revisão de artigos publicados semanalmente no site, mantendo o compromisso com a produção de conteúdos acessíveis e transformadores.

Seu trabalho reflete a convicção de que conhecimento, dedicação e propósito podem caminhar juntos na construção de uma sociedade mais consciente e humana.

Para conhecer mais sobre o Juventude Espírita e acessar conteúdos atualizados semanalmente, visite:

www.juventudeespirita.com.br



Editora EVOC - www.oconsolador.com.br/editora/evoc.htm

O Consolador - www.oconsolador.com.br